

ANAIS DO
V SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

**PORTOS, ROTAS E
COMÉRCIO**

VOLUME I

XXXV
Coleção da *Revista de História*
sob a direção do Professor
E. Simões de Paula.



São Paulo — Brasil
1971

MOSCOU MEDIEVAL E SUAS VIAS FLUVIAIS (*).

NIKO ZUZEK.

Professor de História da Filosofia da Faculdade de
Engenharia Industrial (FEI. SP.).

INTRODUÇÃO.

A quarta lição do ilustre professor Vladimir Kliutchevski contém algumas páginas admiráveis sobre a influência dos rios no desenrolar-se da história russa (1).

Entre os três elementos ambientais — campina, floresta e rio — somente este último é aceito pelos russos sem receio. A campina, além de ser decantada pela canção popular russa como pura (*pole tchistoe*), é também causa da incerteza por motivo das incursões nômades que vinham pela estepe assolando as cidades russas. Se a floresta é o refúgio, substituindo os castelos ocidentais, ao mesmo tempo, ela incute medo com seus pântanos intransitáveis, com sua inhospitalidade de escassos recursos de vida tirados do solo infértil, que surge nas clareiras causadas pelo fogo; o adjetivo mais freqüente em relação à floresta é “escura” (*temni*). Quanto ao rio, porém, não há ambigüidade. O camponês perto dele sente-se à vontade, “de alma à alma”, chamando-o com nomes carinhosos de mãe (*mat rodnaia*) e nutriz (*kormilitza*). Na ocasião da transmigração, o rio lhe indica o caminho. Uma vez que se estabeleceu algures, o rio lhe é o vizinho, dando-lhe água e peixe e, o que é de grande importância, oferece-lhe praticamente a única possibilidade de comunicação e transporte para outras aldeias ou cidades. Plácidos, sem perigo de tempestades, os rios são percorridos no verão por barcos, mas no inverno, sua superfície congelada transforma-se em magníficas pistas de trenós que, entre as duas margens de floresta, não correm

(*) . — Comunicação apresentada na 2ª sessão de estudos, Equipe A, no dia 2 de setembro de 1969 (*Nota da Redação*).

(1) . — Kliutchevski (V. O.), *Curso da História Russa. Parte I*, págs. 64-75.

risco de perder seu rumo quando surpreendidos por tormentas de neve tão costumeiras na região. Em caso de rios em descontinuidade os barcos são transportados (*volokom*) por terra sôbre rodas; assim a rêde fluvial forma um todo complexo.

Situada no meio da imensa planície russa, entre as nascentes dos principais rios que correm em várias direções, Moscou estava predestinada a tornar-se o ponto central da confluência econômica e política, para dominar depois, por sua vez, o percurso dos rios até sua foz. Assim, no caso de Moscou,

o “centro do território nacional foi determinado pelas nascentes dos rios, suas margens o foram pela sua foz”, afirma Kliutchevski (2).

A finalidade dêste ensaio é ilustrar em rápido apanhado a dupla realidade contida nesta afirmação: a influência da rêde fluvial sôbre a ascendência de Moscou e sua conseqüente expansão ao longo destas mesmas vias. Para tanto, sirvo-me preferentemente de fontes e comentadores russos.

*

MOSCOU NA ENCRUZILHADA ENTRE OS PRINCIPADOS DA RÚSSIA NORDESTINA.

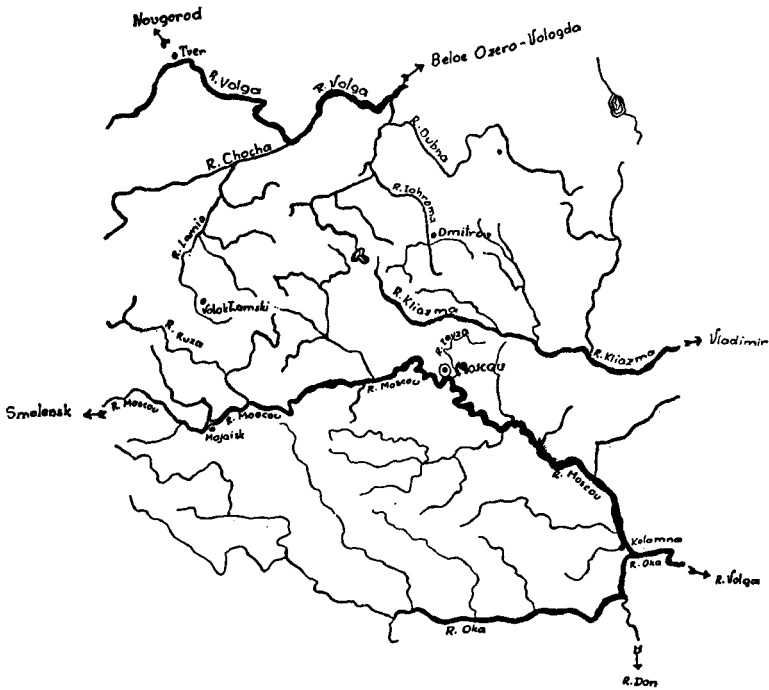
No Grão-Principado de Vladimiro-Suzdal era quase costume conferir às cidades o nome dos mais destacados príncipes russos: Iaroslavl, Vladimir, Dmitrov, Iuriev. Moscou, porém, recebeu do rio que a banhava, seu nome, quase para significar que sua importância dependia mais da privilegiada posição geográfica do que do homem. Podemos supor que o povoado primitivo de Moscou — chamada também Kutchkovo (3) — surgiu espontaneamente por ter sido o lugar propício ao comércio e seguro contra incursões inimigas. De fato, como o demonstram as excavações feitas em Kitai-Gorod (Bairro Chinês) em 1949-1950 (4), havia neste lugar um *posad* (parte da cidade habitada na margem do rio) com população constituída de mercadores e artesãos ainda antes do ano 1147, quando Moscou é mencionada pela primeira vez na crônica russa (5). Tratava-se, então, de um pôrto fluvial, para onde Iuri Dolgoruki, o

(2). — *Ibidem*, pág. 70.

(3). — *História de Moscou*, Vol. I, págs. 16-18.

(4). — Riabinovitch (M. G.), *Pesquisas arqueológicas do posad de Moscou — “Questões de História”*. Moscou, 1951, nº 5, págs. 67-71.

(5). — *PSRL*. Vol. II, ed. 2, coluna 339. Apud Zabelin (I. E.), *História da cidade de Moscou*. Parte I, pág. 4.



Posição geográfica de Moscou
entre seus rios

Grão-Príncipe de Suzdal, convidou nesta data seu aliado Sviatos'av Olgovitch, o Príncipe de Novgorod-Severski. Pouco depois, por volta de 1156 o mesmo príncipe incluiu Moscou na cadeia das cidades fortificadas, esparsas pelas margens do seu principado. Moscou, por estar situada exatamente onde o rio Moscou se desvia brusca-mente para o sul, era considerada o melhor baluarte meridional da terra vladimiro-suzdaliana. Para tal fim Iuri Dolgoruki construiu um *grad* (6) (nome primitivo para fortificações tipo varegue) na colina sôbre o povoado, justo no promontório formado pela confluência do rio Neglinaia com rio Moscou, no lugar do atual Kreml.

Esta pequena fortificação, pôrto fluvial, encontrava-se na encruzilhada das principais vias fluviais da região, ligando entre si as capitais dos mais importantes principados da Rússia Nordeste. Para se ir de Tver (Noroeste), de Mojaïsk (Oeste), de Riazan (Sul) a Vladimir (Leste) — a sede do Grão-Príncipe — regularmente se passava por Moscou. Os caminhos para Moscou eram os seguintes: de Vladimir subia-se pelo rio Kliazma até o lugarejo chamado Mitich-tchi (7), de onde por terra atingia-se o rio Iauza que conduzia até o destino. Quase o mesmo caminho ligava Moscou com Rostov; o de Tver seguia-se o Volga até rio Chocha, e remontando-se por êle continuava-se pelo rio Lamia até Volokolamsk, onde os barcos eram levados por terra ao rio Ruza, que é afluente do rio Moscou. De Mojaïsk era suficiente descer pelo rio Moscou, navegável não longe da cidade. De Riazan remontava-se o rio Oka até Kolomna para aqui entrar no rio Moscou. Sabendo-se que de Vladimir os caminhos fluviais conduziam até o Ural; de Riazan para a bacia do médio e baixo Volga, Don e Dnieper; de Tver para Novgorod-a-Grande não é difícil calcular a potencialidade comercial dêstes tentáculos fluviais de que era dotada a Moscou embrionária (8).

Em seu primeiro período, antes da invasão tártara, Moscou participa da vida voltada sôbre si mesma da Rússia Nordeste. Sua importância é de caráter predominantemente regional. Contudo, embora breves e ocasionais as notícias a respeito de Moscou, estas vão se tornando cada vez mais freqüentes. Durante as incessantes guerras pela sucessão entre os príncipes feudais, Moscou é o lugar de seus encontros previstos ou fortúitos. Cêdo torna-se um importante ponto estratégico; por ela os príncipes de Riazan atacam as terras vladimiro-suzdaianas (9), nela reúnem-se as tropas quando em mar-

(6) . — *PSRL*, Vol. XV, ed. 1863, col. 225. Apud *História de Moscou*, pág. 18.

(7) . — Zabelin (I. E.), *História da cidade de Moscou*. Parte I, pág. 20.

(8) . — *Dicionário Enciclopédico*, (Brokhaus — Efron) — Vol. VI, pág. 757-758. Vol. I, ed. 2, col. 430.

(9) . — *PSRL*. Vol. I, ed. 2, col. 430. Apud *História de Moscou*, pág. 23.

cha contra o sul. Assim, em 1207, Vsevolod o Grão-Ninho, em disputa com Tchernigov, determina a seu filho Constantino que o espere com os exércitos de Novgorod em Moscou, para onde chegariam também os de Riazan remontando os rios Oka e Moscou e êle mesmo de Vladimir, pelo rio Kliazma. Riazan faltando ao compromisso, Vladimir suspeita a traição e invade suas terras (10). Em 1237, os tártaros, vindo de Riazan a Vladimir, seguem o mesmo caminho, passam por Moscou e a destróem completamente.

*

NOVGOROD E MOSCOU.

Um fator de caráter não regional, que contribuiu muito para o fortalecimento comercial de Moscou no fim do sécu'o XII e começo do sécu'o XIII, foi o próspero comércio da república de Novgorod.

Quando, por causa da reabertura do Mediterrâneo pelas Cruzadas e conseqüente florescimento do comércio das repúblicas italianas, começou a periclitlar a antiga rota do Báltico ao Mar Negro, depois que as relações de Kiev para com Bizâncio e o Califado tornaram-se precárias pelas incursões de po'ovtzes, Novgorod, a Grande, intensificou seu comércio com o Ocidente (11). Em estreitas ligações com a ilha de Got'and, em contacto com os mercadores de Lubeck, Novgorod era o maior centro econômico do Báltico, intermediário entre os mercados da Hansa e os Principados do Nordeste russo, os búlgaros do Volga e, periódicamente — quando os nômades do meridião russo o permitiam — com os países da Ásia Central e Cáucaso.

Antes do declínio de Kiev, Novgorod abundava em mercadorias orientais. Agora quando estas escassearam, tinha que procurar produtos de contra-oferta em seu próprio território ou em territórios vizinhos para fazer frente aos pedidos da poderosíssima Hansa. Novgorod precisava de peles, defesas de morsa, óleo de foca, banha, cêra, mel, linho, cânhamo, para trocá-los por panos de Flandres e da Inglaterra, por vinho e especiarias. Na procura dêstes produtos os navegadores e caçadores de Novgorod no fim do século XI percorriam as margens do Mar Branco (12) (o mosteiro de Arkhanguelsk foi construído na foz do Dvina do Norte entre 1110 e 1130), seus

(10) . — *Ibidem.* col. 406.

(11) . — Simões de Paula (E.), *O Comércio Varegue e o Grão Principado de Kiev*, pág. 118.

(12) . — *Os Navegadores Russos*, págs. 8-9.

co'onos adentraram-se pelo rio Kama até os montes Urais, descobrindo ricas jazidas de prata e sal e cobrando dos habitantes destas longínquias províncias tributárias, pesado tributo *in natura* (*iasak*) em forma de prata e peles de zibelinas, fuinhas, martas, castores e esquilos.

Contudo, para satisfazer as necessidades de seus mercados, Novgorod era obrigada também a um intenso comércio com os principados da Rússia Vladimiro-Suzdaliana, à qual por sua vez, revendia com lucro os produtos provenientes do Ocidente. Havia, porém, um ponto vital, no qual Novgorod dependia essencialmente de seus vizinhos: os cereais e especialmente o trigo. Sua terra era infértil, sujeita a intempéries e, em caso de má safra, era condenada à fome se não recebesse o trigo do sul (13). Seu maior fornecedor era Riazan, o vizinho meridional de Moscou.

Este ponto vulnerável da economia, era amplamente explorado pelos Grão-Príncipes de Vladimir em suas dissensões com Novgorod. Em 1170 André Bogoliubski consegue sua submissão cortando tôdas as vias de acesso do trigo meridional (14); em 1215 Iaroslav Vsevoloditch ocupou Torjok — passagem obrigatória dos carregamentos de cereais em direção a Novgorod — e imediatamente o preço da aveia subiu dez vêzes (15).

O volume do intercâmbio era considerável, como podemos concluir pelas breves alusões da crônica russa. Em 1215 encontramos de uma só vez 150 comerciantes de Novgorod em Iaroslavl e quando da ocupação de Torjok acima mencionada, ficaram presos na cidade 2000 mercadores viajantes com todos seus carregamentos (16).

O interêsse por esta rota comercial consta também dos acordos comerciais da república setentrional com os principados russos a partir da segunda metade do século XIII (17). Nêles estão determinadas as tarifas alfandegárias ou de trânsito; exige-se a imunidade e segurança para os mercadores de Novgorod em terras vizinhas e proíbe-se o aliciamento dos mesmos a serviço (submissão vassálica) de outros príncipes, pois êles têm dever de trabalhar para sua república. As infrações de tais disposições estão prontamente reclamadas, como nos consta do acôrdo entre Novgorod e Tver em 1270, onde se fala sôbre os mercadores presos em Kostroma e outras cidades (18).

(13). — *EHURSS*. Vol. II, págs. 342-345.

(14). — *NPL*. pág. 33. Apud *EHURSS*, pág. 345.

(15). — *PSRL*. Vol. XXV, pág. 114. Apud *EHURSS*, pág. 345.

(16). — Solovlov (S. M.), *História da Rússia*. Vol. II, pág. 46.

(17). — *Ibidem*.

(18). — *EHURSS*, pág. 346.

De Novgorod para terras vladimiro-suzdalianas havia três caminhos. Sem dúvida, o mais importante entre êles era o que passava por Moscou. Partindo com barcos de Tver pelos rios Msta e Tvertza, chegava-se até o Volga, para abandoná-lo de nôvo na confluência com o rio Chocha, o qual remontado pelo rio Lamia, attingia-se por terra a passagem de Volokolamsk até o rio Ruza, afluente do Moscou, que pelo rio Oka se liga ao médio Volga. Se Novgorod era o ponto final desta rota, Moscou era o seu centro. Por ela passava o trigo das terras de Riazan bem como mercadorias do país dos búlgaros do Volga; para ela confluíam os produtos naturais dos principados vizinhos e dela partiam em várias direções mercadorias ocidentais oferecidas pelos mercadores de Novgorod. Nada de estranho, se dentro em pouco Moscou começa sobressair-se, tornando-se no comêço do século XIII a sede de um principado autônomo, objeto de invejas entre os príncipes herdeiros.

E' sintomático também que, um século mais tarde, entrarão em luta pela supremacia justamente três cidades situadas ao longo desta rota comercial: Novgorod, Tver e Moscou.

*

INVASÃO TÁRTARA — PROMOÇÃO DE MOSCOU.

Moscou é destruída pelos tártaros em 1237. Em relação às outras cidades ela se refaz com certa facilidade. Para sua recuperação concorre em primeiro lugar um fator local. A população da terra de Riazan, muito exposta às incursões mongólicas, refugia-se na bacia do rio Moscou que é muito mais segura. Com êste deslocamento da população, aumenta o intercâmbio entre os produtos agrícolas e os de artesanato, que já começam a florescer em Moscou.

Mas é de nôvo um fator de caráter internacional que, durante a segunda metade do século XIII, contribuirá para o crescimento de Moscou a tal ponto, que no comêço do século XIV tornar-se-á sede do Grão-Principado e, mais tarde, centro unificador dos principados russos na luta contra os ocupantes a procura de sua unidade nacional.

Se a invasão tártara parecia haver destruído as tímidas esperanças da jovem Moscou, os efeitos produzidos por ela fizeram justamente o oposto. Os Khans da Horda de Ouro não tardaram em compreender a importância comercial das regiões ocupadas. O Baixo-Volga, antiga terra dos khazares, era escolhida por Batu para construir Sarai, sua nova capital (19). Aliciados pelos proventos

(19). — Sarai-Batú que mais tarde cede lugar, como capital, a Sarai-Berke.

das taxas sobre o comércio, os Khans desdobravam-se para manter as rotas comerciais seguras. As antigas rotas do Nordeste Russo, do país dos búlgaros, do baixo-Volga, da Criméia para Horezm e de lá para a Ásia Central, Mongólia e China eram reabertas. As concessões feitas aos genoveses e venezianos na Criméia — Kaffa a partir de 1266 — atraem o comércio ocidental para o Mar Negro e Azov. As cidades Kaffa, Sudak na Criméia e Tana no Mar de Azov, tornam-se de importância internacional.

“O comércio da Ásia para com o sudeste Europeu e, por meio dele, para com a Europa ocidental, na época da Horda de Ouro, chegou a proporções antes nunca vistas” (20).

A Rússia nordestina, integrada na Horda de Ouro como País tributário, era admitida plenamente neste surgimento do intercâmbio comercial. Interrupções periódicas do comércio da Horda de Ouro com seus vizinhos por motivo de mútuos desentendimentos, tais como com os genoveses de Kaffa em 1298 ou com os mercadores de Sudak em 1299, ou por causa de lutas com a Mongólia Hulagida do Iran (1256-1265), afetavam o comércio russo só indiretamente. Uma vez que os principados pagavam o tributo exigido pelos Khans, seus mercadores eram bem-vindos nos mercados da Horda de Ouro. Para a Rússia dois antigos caminhos eram reabertos: pelo Volga em direção ao Sul e Oriente; pelo Don, Tana, Azov e Criméia para o Ocidente.

Nesta nova conjuntura, Novgorod, até então a única porta para o Ocidente, começa a perder sua hegemonia. É pelo sul que as terras russas são invadidas por mercadorias não somente orientais, mas também ocidentais. Novgorod vai perdendo boa parte do seu mercado. Para atingir os mercados da Horda de Ouro os comerciantes de Novgorod tinham que passar pelo território da Rússia Vladímir-Suzdaliana a qual em novas circunstâncias podia ser considerada como a grande concorrente. Por isso Novgorod, mesmo se não ocupada pelos tártaros, após muita relutância, sujeita-se ao pagamento do tributo, para conseguir, entre outras vantagens, benevolência e privilégios para seus mercadores. O beneplácito do Khan (*iarlik*) a eles concedido exige dos outros príncipes um absoluto respeito, imunidade e isenção de impostos em sua relação com os comerciantes de Novgorod que passassem por terras alheias (21). Era um recurso contra um fato inegável: a nítida vantagem das cidades meridionais do nordeste russo, especialmente de Moscou, em relação aos mercados da Horda de Ouro.

(20). — Grekov (V.) e Iakubovskí (A.), *La Horde D'Or* pág. 69.

(21). — SGGD. Parte I, pág. 4, N^o 3; pág. 48, N^o 28. Apud Soloviov, *op. cit.*, pág. 547.

Moscou não precisava de recursos especiais. A História trabalhava em seu favor. Silenciada quase, pelas crônicas referentes à segunda metade do século XIII, Moscou crescia e enriquecia-se como comércio que por ela transitava. Os efeitos não tardaram a se fazer sentir.

*

MOSCOU EM LUTA PELAS VIAS FLUVIAIS.

No comêço do século XIV ela entra em luta com os outros principados pe' o título de Grão-Principado. Sua riqueza ajuda-lhe a comprar as simpatias de Khan. Em 1319, Iuri Danilovitch, após longas disputas com o príncipe de Tver, consegue indevidamente o título que, depois de Ivan Kalita (1328-1341) permanece definitivamente em Moscou. A nomeação de Ivan Kalita como coletor do tributo de tôdas as terras russas, inclusive Novgorod, mostra claramente a ascendência política de Moscou entre os outros principados e seu entrosamento inteligente com a Horda de Ouro. O período de Ivan Kalita, até as primeiras tentativas da libertação do jugo mongólico é considerado pela crônica o tempo de "grande calma" (22) e fim da barbárie tártara. Também do ponto de vista comercial, êste período é considerado próspero para o intercâmbio entre Moscou e a Horda de Ouro.

Para'elamente à luta política, Moscou ciente das suas possibilidades, entra em luta aberta para conseguir o domínio das vias fluviais. Aproveitando-se da fraqueza dos outros principados ainda não recuperados da incursão repressiva dos tártaros dirigida por Duden (1293), o príncipe moscovita Daniel Alexandrovitch ocupa Kolomna (1300) na confluência do rio Moscou com o Oka, recebe em herança Pereiaslavl (1302) e pouco depois da sua morte também Mojaisk é anexada ao território do principado de Moscou. Com Kolomna Moscou domina a entrada para o Oka e o Volga; com Mojaisk controla os caminhos para Smolensk, enquanto Pereiaslavl abre-lhe os caminhos em direção de Beloe Ozero e Novgorod. Tôda a bacia do rio Moscou está definitivamente em mãos de Moscou e pelas portas recém-adquiridas escoará todo o tráfico internacional dos séculos XIV e XV.

O príncipe de Moscou começa a cobrar impostos nas entradas do seu território. Como consta da *duhovnaia* (testamento) de Ivan Kalita, os impostos eram cobrados em Mojaisk, Kolomna, Dmitrov e

(22). — PSRL. Vol. XVIII, pg. 90 — Apud EHURSS, pg. 203.

Zvenigorod. Eles são considerados direito pessoal do príncipe, pois êle em seu testamento deixa uma parte dos proventos a sua mulher e parte aos filhos (23). De outro lado Moscou exige sempre maiores vantagens. Assim, no tratado entre Moscou e Tver em 1275, ela exige passagem livre pelo território de Tver para seus comerciantes em direção a Novgorod (24). Moscou não assiste mais passivamente ao seu desenvolvimento. Ela começa a decidir a sorte de suas vias fluviais, agindo como futura soberana das mesmas.

Igual é também sua atitude durante a “guerrilha” desfechada por Novgorod contra a sempre mais firme presença de Moscou no médio Volga. Na segunda metade do século XIV os bandidos fluviais que tinham ligações clandestinas com a cúpula comercial de Novgorod começam a assaltar as embarcações e a devastar as cidades nas margens dos rios. Os bandidos passam para a História com o nome de *uchkuiniki*, devido à pequena embarcação *uchkui* da qual se serviam. Se no começo sua ação era insignificante, com o tempo toma proporções enormes. Em 1371 eles ocupam Iaroslavl; em 1374 com 90 barcos ocupam Bulgar no médio Volga e a cidade só não é queimada devido ao pagamento de 300 rublos. De Bulgar 50 barcos descem até Sarai, enquanto outros 40 dirigem-se ao leste, devastando tudo pelo caminho. Em 1375, 70 barcos com 1500 bandidos sob as ordens de um tal Procópio ocupam Kostroma, depois de bater uma força de 5.000 homens, queimam Nijni Novgorod, levando consigo somente preciosidades e jovens para serem vendidas aos tártaros em Bulgar de onde eles continuam descendo o Volga até Astrakan, matando e roubando “os mercadores cristãos e pagãos” (25). Com atraso por estar em guerra com os tártaros, Dmitri Doskoi em 1385 marcha em represália contra Novgorod dando-lhe o motivo explícito: a devastação de Kostroma e Nijni Novgorod pelos *uchkuniki* e mau trato para com os mercadores no Volga. Novgorod teve de pagar 8.000 rublos para remir-se. Moscou evidentemente considera o Volga seu caminho e dêle cuida carinhosamente. A mesma conclusão tiramos da atitude de Dmitri Donskoi que, em 1377 exigiu da cidade Bulgar a aceitação de seus cobradores de impostos sôbre o comércio (26).

Depois da vitória sôbre os tártaros no Kulikovo Pole, Moscou caminha com passo ainda mais firme pelo caminho iniciado. Em 1393 anexa a suas terras o principado de Nijni Novgorod, Gorodetz, Murom, Mestchera e Taruza. Quase tôda a bacia do rio Oka está

(23). — DDG Nº 1, pg.8 — Apud EHURSS, pg. 105

(24). — *Idem* pág. 27-28.

(25). — Solovlov, *op cit*, pág. 296.

(26). — *Idem*, pág. 282.

em suas mãos e a posse de Nijni Novgorod torna-a senhora do alto e médio Volga. De fato, por Nijni Novgorod, na confluência do Oka com o Volga, passavam necessariamente todos os barcos que do norte procuravam o médio e o baixo Volga, e vice-versa. Sede de feira permanente, ponto de encontro de mercadores russos com os da Pérsia, Bukhara, Hiva, Armênia, Horda de Ouro (27) — cidade riquíssima — Novgorod era cobiçada, havia bastante tempo, pelos príncipes moscovitas que, em linha geral, mantinham com o principado de Suzdal-Nijni Novgorod (em 1300 Nijni tornou-se a Capital do Principado) relações amigáveis e de proteção, pois os interesses comerciais das duas cidades coincidiam. Com a posse de Nijni Novgorod, Moscou completava definitivamente seu domínio sobre tôdas as entradas que do sul conduziam aos seus territórios e aos da Rússia nordestina em geral.

*

O COMÉRCIO PELO VOLGA.

O comércio pelo Volga com o Sul e o Oriente durante a maior parte do século XIV era de caráter estável. O Volga é continuamente mencionado como o caminho percorrido pelos príncipes e metropolitanos russos em busca do beneplácito do Khan (*iarlik*) em Sarai. As idas dos príncipes eram geralmente acompanhadas por mercadores. Ibn-Batuta, que em 1333 visitou Sarai-Berke, falando das nacionalidades que lá vivem, menciona explicitamente também os russos, acrescentando que,

“cada nação vive em seu próprio bairro onde está também o seu mercado” (28).

O Metropolita Cirilo II conseguiu para esta colônia a assistência religiosa, pois a partir de 1261 Sarai é a sede do Bispado sob sua jurisdição. A presença dos comerciantes russos ao longo do Volga é tão contínua, que em caso de desentendimento entre Moscou e a Horda de Ouro, os primeiros a sofrer as conseqüências são exatamente eles. Em 1378 o príncipe tártaro Arapcha, depois de devastar Nijni Novgorod,

“matou os mercadores russos e apropriou-se de suas riquezas” (29).

(27). — EHURSS, pág. 106.

(28). — Tisenhausen (V. G.), *Coleção de dados relacionados com a história da Horda de Ouro*. São Petersburgo. 1884. Vol. I, pág. 306. Apud EHURSS, pág. 109.

(29). — Soloviov, *op. cit.*, pág. 288.

Em 1382 Tokhtamich prendeu os comerciantes russos em Bulgar para que não se soubesse nada sobre sua marcha contra Moscou.

De outro lado encontramos comerciantes tártaros e armênios no território da Rússia nordestina. Os armênios que comerciavam pelo Volga tinham uma colônia estável não somente em Sarai, mas também em Bulgar, no bairro chamado “o palácio dos gregos” (30).

Um deles, Abraão, é lembrado pela crônica russa, como responsável pelo gigantesco incêndio que devastou Moscou em 1390 (31). No acôrdo entre Vassily, o Cego, e o príncipe Iury de Galitch, fala-se dos mercadores tártaros Rezen-Hozia e Abip aos quais Vassily pediu um empréstimo (32).

As mercadorias russas atingiam os mercados da Ásia Central, pois um contemporâneo escreve, referindo-se à cidade de Samarkand:

“A cidade é abundante em mercadorias trazidas dos outros países. Da Rússia, da Tartária veem peles e linhos, da China, tecidos de sêda, os quais são confeccionados neste país de maneira melhor, especialmente setim, tidos como os melhores do mundo” (33).

No testamento de Ivan Kalita há uma longa lista de objetos preciosos de origem oriental. Assim é mencionada a “bandeja de ouro de Iezd” (Pérsia), “o cinturão de ouro” da Mongólia, peles com “colarinhos decorados” (*s alami s jemchugom*) (34). Em *Zadonstchina* (poema épico sobre a batalha de Kulikovo) encontramos os russos armados com armas orientais, tais como os capacetes tcherkheses.

Em 1955 foi inaugurado na cidade de Kalinin o monumento a Atanásio Nikitin, comerciante da cidade de Tver, chamado o Vasco da Gama russo, cuja viagem à Índia, contida no seu diário, conhecida hoje sob o título de *A Viagem através dos três Mares*, é o melhor comentário sobre a possibilidade de contactos comerciais oferecidos pela rota do Volga. A viagem de Atanásio dura de 1466 a 1472. Seu caminho, cheio de contratempos e em boa parte não intencional, é o seguinte: Tver, Nijni Novgorod, Sarai, Astrakhan, Cáspio, Derbent, Baku, Tchapakur, através da Pérsia a Ormuz, e daqui à Índia por Tchaul (costa do Malabar) a Bidar; na volta seu barco é levado para a África, de onde volta a Maskat na Arábia, Ormuz e através da

(30). — Miller (V. V.), *As inscrições armênias em Bulgar e Kazan*. “Comunicações de GA¹MK”. Leningrado, 1925. Vol. IV, págs. 62-72.

(31). — *História de Moscou*, pág. 33.

(32). — *SGGD*. Parte I, N.º 49-50, págs. 104-105. Apud *História de Moscou*, pág. 32.

(33). — *DDG*. N.º 1, págs. 7-8. Apud *EHURSS*, pág. 110.

(34). — Grekov (B. D.) e Andrianova-Peretz (V. P.), *Viagem de Atanásio Nikitin através de três mares, 1466-1472*. Moscou, 1948. Vol. XI, pág. 95. Apud Tihomirov, *Moscou Antiga*. Moscou, 1947.

Cronologia da anexação dos Principados Russos ao Grão Principado de MOSCOU



Pérsia a Trebizonda, cruzando o Mar Negro até Kaffa, pelo Dnieper até Smolensk, onde morre na porta da sua cidade natal (35). Seu diário porém, é entregue ao *diak* (escrivão) de Ivan III, Vassily Mamiriev. O diário, além de aventuras, contém ricas informações sobre os caminhos das caravanas, entrepostos comerciais, portos (Ormuz), as mercadorias e costumes dos povos. Por estes caminhos entravam na Rússia da época as mais variadas mercadorias orientais; por estes mesmos caminhos as mercadorias russas, trocadas geralmente pelas orientais em Sarai, podiam atingir o Oriente.

*

O COMÉRCIO PELO DON.

De grande importância era nesta época a reabertura de uma outra via fluvial em direção ao sul: o rio Don. A rota levava diretamente às ricas colônias de mercadores genoveses e venezianos no Mar de Azov e na Criméia, de onde Constantinopla não ficava distante. Ela ligava Moscou e toda a Rússia com o comércio do Mediterrâneo. Temos uma descrição pormenorizada deste caminho no relato da delegação moscovita que acompanhava em 1389 a Constantinopla, o candidato à sede metropolitana russa: *Viagem do metropolitano Pimen a Constantinopla* (36). Partindo de Moscou, a delegação segue o rio Moscou até Kolomna, o rio Oka até Pereiaslavl Riazanski, sobre rodas, leva os barcos até o Don, pelo qual chega a Tana no mar de Azov; aqui, troca de barcos por outros próprios para a navegação marítima; depois de deixar de lado o pôrto de Kaffa, entra em Sudak para atravessar o mar Negro em direção de Sinope e ao longo das costas da Ásia Menor atingir Constantinopla. A viagem dura cerca de dois meses e meio, tempo este que poderia ser reduzido se não se tratasse de uma delegação de dignitários e de dificuldades imprevistas no caminho.

Às vezes, os comerciantes desciam o Volga até Sarai-Berke, de onde por terra atingiam o rio Don. Isto acontecia especialmente no tempo das secas, quando o alto Don apresenta um nível de água muito baixo.

Através das cidades de Tana e as da Criméia, especialmente Sudak (Soldaia ou Suroj), entravam em Moscou as mercadorias da Ásia Menor, da Pérsia, da Síria: tecidos de seda, lã, algodão, tapetes, nastros, tintas, óleos, sabão, incenso, nozes, especiarias, pérolas, pedras preciosas. Entre os produtos de exportação constam: cêra, mel, peles, couro, lençarias, sela, facas, aves de rapina (36).

(35) . — *PSRL*. Volume XI, pág. 95. Apud Tihomirov, *Moscov Antiga*, Moscova. 1947.

(36) . — Soloviov, *op. cit.* Vol. III, pág. 175.

O intercâmbio comercial entre os russos, italianos ou gregos não era de caráter circunstancial. De fato, havia nos séculos XIV e XV em Constantinopla uma colônia russa, não longe do Corno de Ouro, perto da Igreja de São João Batista. A comitiva de Pimen foi festivamente recebida pelos russos ali residentes “para grande alegria de todos” (37). Talvez os russos vivessem também na colônia genovesa, pois Miguel (Mitiai), o candidato à sede metropolitana, morreu durante a viagem (substituído por Pimen) e foi sepultado em Gálata. Do outro lado, havia em Moscou uma colônia grega, com o seu mosteiro de São Nicolau (*Nikolski Monastir*) (38). As relações entre as duas partes eram tão boas que o empréstimo parecia quase rotineiro: Pimen mesmo pediu aos italianos 25 mil rublos de prata e, o arcebispo Teodoro de Rostov mil antigos rublos (de Kiev) a um grego (39).

O lugar de honra em Moscou era para os *gosti surojane* — os “hóspedes de Sudak” — incluindo sob êste nome todos os que comerciavam com Tana e as colônias italianas da Criméia. O termo *gost* em eslavão e em russo quer dizer hóspede. Contudo, na época descrita, êle é regularmente aplicado aos comerciantes estrangeiros, e mais tarde é dado também aos comerciantes russos que mercadejavam com o exterior, especialmente aos magnatas do comércio. Como bem nota o historiador Soloviov (40), existem na época de Ivan III coera a igreja de São João Crisóstomo, ao redor da qual estavam locaqualquer modo, o uso dêste termo carinhoso para os mercadores indica a atenção e a solicitude para com aquêles que cooperavam para o enriquecimento de Moscou.

Os hóspedes de Sudak (*gosti surojane*) aparecem na crônica russa pela primeira vez em 1356, quando êles vêem a Moscou acompanhando o embaixador tártaro Irintoheji; Dmitri Donskoi levou consigo para a batalha de Kulikovo dez hóspedes de Sudak, para que contassem a vitória aos outros povos, no caso de “Deus a conceder”, e talvez, como guias experientes, falando várias línguas, pois a crônica diz que

“são viajantes de país em país e conhecidos por todos, tanto na Horda, quanto pelos italianos” (41).

Os nomes de algumas grandes famílias comerciais da Moscou contemporânea e posterior com dificuldade escondem sob as finais

(37) . — *PSRL*. Vol. XI, pág. 95. Apud Tihomirov, *op. cit.*, pág. 94.

(38) . — *História de Moscou*, *op. cit.*, pág. 34.

(39) . — *AI*. Vol. I, Nº 252, págs. 473-474; Apud EHURSS, pág. 111.

(40) . — Soloviov, *op. cit.* Vol. III, págs. 175-176.

(41) . — *PSRL*. Vol. XI, pág. 54. Apud *História de Moscou*, pág. 34.

russas em plural sua origem italiana: Salarevi, Ontonovi, Ermolini. Os hóspedes de Sudak tinham sua própria corporação, cujo centro era a igreja de São João Crisóstomo, ao redor da qual estavam localizadas as adegas, os armazéns e o tesouro (*kazna*) (42).

Quando no fim do século XIV os turcos começam a aumentar sua pressão sobre os restos do império bizantino, o caminho de Don perde um tanto da sua importância. Moscou compensa a diminuição desse lado com um aumento sensível do comércio com o Ocidente europeu, por meio de Tver e Novgorod, com os mercadores do Báltico e, por meio de Mojaisk e Smolensk com os da Lituânia e Polônia. O principal artigo de importação são os panos, em russo *sukno*. Por isso ao lado dos *gosti surojane* encontramos no fim do século XIV também os *gosti sukonniki* ou simplesmente *sukonniki*, mercadores de panos ocidentais.

Tanto uns como outros possuem grandes riquezas. Na ocasião da incursão de Tokhtamich contra Moscou em 1382 os tártaros saqueiam por completo seus armazéns que

“estão cheios de mercadorias e riquezas” (43).

Sabe-se que, durante as lutas pela sucessão, na primeira metade do século XV, os príncipes freqüentemente tornam-se devedores dos comerciantes que, então, começam exercer grande influência na política interna. Assim, o Grão-Príncipe Vassily, o Cego, aparece socorrido financeiramente pela família dos Hovrini quando da sua expulsão de Moscou por seu parente Chemiaka; os Hovrini posteriormente são promovidos a boiardos e exercem o cargo de tesoureiros. Com o tempo os comerciantes adquirem terras ao redor de Moscou, criando assim um forte elo entre o latifúndio, o comércio e a nobreza que está em franca formação.

A partir do ano 1388 os acordos entre o Grão-Príncipe e os príncipes subalternos preocupam-se muito com a imunidade e segurança dos *gosti* e dos *sukonniki*; exige-se proteção em seu favor, e, proíbe-se sua admissão ao serviço particular de determinado senhor feudal, o que implicaria na dependência vassálica (44). Com isso combina também sua isenção jurídica, pois só podem ser julgados pelo Grão-Príncipe de Moscou (45).

*

(42). — *EHURSS*. pág. 113.

(43). — *PSRL*. Vol. VIII; pág. 46; Apud *EHURSS*, pág. 113.

(44). — *DDG*. Nº 11, pág. 32; Nº 13, pág. 33; Nº 27, pág. 71. Apud *EHURSS*, pág. 114

(45). — *EHURSS*. pág. 114

EXPANSÃO DE MOSCOU PARA O EXTREMO NORTE.

Envolvida no intercâmbio internacional, sempre crescente, Moscou tinha que aumentar sua contra-oferta. Seu território era pequeno demais para fornecer tudo o que precisava. Por isso, nesta mesma época, Moscou começa a expandir-se econômica e politicamente na direção dos extremos Norte e Nordeste. Da mesma maneira que Novgorod de dois séculos antes, ela procura um rico retro-terra, chocando-se com os interesses dos outros principados.

Desde muito tempo havia dois focos de colonização da bacia do Dvina do Norte e do Petchora: Novgorod e Rostov. Como o ponto de apóio de Novgorod era Vologda, de Rostov era Ustiug. Por meio de uma rede complicadíssima de vias fluviais (46) atingia-se não somente o Mar Branco, mas também a foz do Petchora e do Ob, além dos montes Urais. No começo do século XV Moscou começa a servir-se sempre com maior intensidade dessas rotas, conquistando aos poucos o terreno alheio, para conseguir no fim do mesmo século anexar política e economicamente os principados de Beloe Ozero, Kostroma, Galitch e os dois pontos chaves da região: Vologda e Ustiug.

Por causa do comércio com o norte, Moscou recebe um porto auxiliar: a cidade de Dmitrov, situada no rio Iahroma. Esta volta-se praticamente por completo para os interesses da Capital, tornando-se seu porto setentrional. De Moscou a Dmitrov a carga ia por terra, de Dmitrov, porém, era posta nos barcos, que pelos rios Iahroma, Sestra e Dubna atingiam o alto Volga. Daqui se podiam tomar duas direções: ou remontar o Volga até Tver e, pelo clássico caminho a Novgorod, ou descer pelo Volga até sua confluência com o rio Cheksna, o qual conduzia até Beloe Ozero, de onde, por Vologda, entrava-se nos rios Suhonia, Dvina do norte, Vithegda e Petchora nos extremos do norte e nordeste russos. Este caminho era tão seguro e cômodo que era usado pelas princesas de Moscou quando em fuga das incursões tártaras procuravam refúgio em Tver ou Beloe Ozero, como aconteceu na incursão de Tochtamich em 1382 (47).

O maior volume de mercadorias que entrava em Moscou por Dmitrov, era representado por sal, peixe seco e peles. Com estas

“peles tornam-se ricos os príncipes e boiarden moscovitas, vestindo-se com vaidade, orgulhando-se com as barras de seus vesti-

(46) . — *Dicionário Enciclopédico, op. cit.*, Vol. VI, págs. 757-758.

(47) . — Solovtsov, *op. cit.*, Vol. II, pág. 289.

mentos” enquanto ao mesmo tempo, as peles são “mandadas ao exterior, à Constantinopla, aos alemães, à Lituânia e a outras cidades e nações longínquas” (48).

Mas há outro artigo de grande interesse comercial: as aves de rapina. Falcões e açôres da região do Petchora e do Ural setentrional são muito apreciados; a caça com aves de rapina, os tornava valiosos presentes e mercadoria de luxo, uma vez que este tipo de caça estava muito em voga na época. A partir de Ivan Kalita os príncipes moscovitas mostram grande interesse pelas aves de rapina. Já na primeira metade do século XIV Ivan Kalita mandava seus bandos de caçadores (*vatagui*) à procura de animais e aves às margens do Mar Branco e na bacia do Petchora (49).

Os comerciantes de aves chamam-se *sokolniki* — de *sokol* (falcão). Tanto a caça, quanto o comércio de aves de rapina precisavam uma permissão especial (50). Interessante que, entre os *sokolniki* do extremo Norte encontramos os italianos. Assim, Dmitri Donskoi concedeu

“a permissão de caça na bacia de Petchora a André, o Italiano (51), sob as mesmas condições em que foi concedida a seu tio Mateus” (52).

À penetração comercial segue-se o domínio político. No século XV, aos poucos, mas firmemente, Moscou engloba uma por uma sob sua bandeira as terras do Norte. Com a anexação de Iaroslavl em 1473 e de Rostov em 1474 ela possui tôda a bacia do Alto Volga, e está em face de Novgorod-a-Grande, única rival séria, pois submetendo esta, Tver prensada do Sul e do Norte cairia em suas mãos sem maior resistência.

CONCLUSÃO.

Se a brevidade do ensaio não mo proibisse, aqui seria o lugar de expressar-me sôbre os reflexos do comércio no crescimento de Moscou sob vários aspectos. Limitar-me-ei a uma simples citação. O autor da narração da devastação de Moscou por Tochtamich em 1382 afirma:

“A cidade de Moscou parece tão grande e admirável, tão cheia de gente, tão abundante em riquezas, que superou com sua fama a tôdas as cidades russas” (53).

(48). — *A vida de São Estevão de Perm*. São Petersburgo. 1897, pág. 47.

(49). — *EHURSS*. pág. 107.

(50). — *Ibidem*.

(51). — O Italiano — em russo contemporâneo *Friazin*; assim as mercadorias trazidas pelos mercadores italianos eram chamadas *frazskie tovari*.

(52). — *GVNeP*. Nº 87, pág. 143.

(53). — *PSRL*. Vol. XI, pág. 22. *Apud História de Moscou*, pág. 54.

A conseqüência desta grandeza está expressa pelo cronista de Tver com as seguintes palavras:

“Moscou começou construir uma fortaleza de pedra (54) e, confiante em seu poderio, começou a induzir outros príncipes russos sob sua dependência; quem no entanto, resistisse, submeteria pela força” (55).

Estas duas citações dizem em resumo tudo.

Quando na segunda metade do século XV restavam como rivais somente Novgorod e Tver, tratava-se de uma simples questão de tempo. Se antigamente Novgorod considerava Moscou como uma simples cidadezinha de trânsito para suas mercadorias, agora, por sua vez, Moscou — praticamente dona de quase todos os caminhos fluviais — olhava para Novgorod já não com inveja mas, como sua propriedade e sua janela para o Ocidente Europeu. Novgorod, depois de prolongadas disputas, era forçada por Ivan III a entregar-se em 1478. Pouco antes, durante as conversações sobre as condições de entrega, Ivan exigiu a capitulação incondicional, alegando:

“Eu, o Grão-Príncipe, quero governar segundo o meu querer, como em Moscou, assim também na minha terra de Novgorod” (56).

A transferência do grande sino, com o qual o conselho (*vetche*) da secular república de Novgorod costumava ser convocado, marcou o comêço da presença moscovita no Báltico sem intermediários; assim também a Hansa foi extinta em Novgorod a partir de 1494.

Em direção ao Sul a espera de Moscou será um pouco mais prolongada. A lenta decomposição dos estados tártaros lhe dará o tempo suficiente para fortalecer-se ainda mais no Norte e Ocidente, para poder entrar com segurança na luta pelo Baixo Volga, ocupando a foz do seu rio “mãe”, o Volga, com a queda de Astrakhan em 1556. Os cossacos da Zaporozskaia Step tornarão o rio Dnieper de nôvo russo, e o Ermak, adentrar-se-á no fim do século XVI pela Sibéria adentro, ao longo dos rios siberianos.

Moscou é mencionada pela primeira vez na Idade Média bem avançada. Pequena e insignificante, os rios, que ao redor dela nascem, quase como de um só lugar, a correr em várias direções, tornam-na sempre mais importante, um ponto estratégico, um pôrto na

(54) . — Em 1367 com Dmitri Donskoi.

(55) . — *PSRL*. Vol. XV. Ed. 24, coluna 84. Apud *História de Moscou*. pág. 58.

(56) — *PSRL*. Vol. VIII. pág. 192. Apud *EHURSS*, pág. 282.

encruzilhada dos principados do Nordeste Russo, um principado independente. o Grão-Principado da Rússia Medieval, ou o centro unificador da nação russa.

Nada de estranho, se ela, ao findar da Idade Média já se sente a dominadora potencial de todos os territórios demarcados pela foz de seus rios.



Bibliografia citada e abreviações.

1. — *Entziklopéditcheski Slovar* (Dicionário Enciclopédico). São Petersburgo, 1892. Edição Brokhaus e Efron.
2. — EHURSS — *Otcherki Istorii SSSR* (Ensaio sobre a História da URSS) — Vol. I, II, III, Moscou, 1953. Academia de Ciências da URSS. Instituto de História.
3. — *Istoria Moskv* (História de Moscou). Vol. I, II. Moscou, 1952. Academia de Ciências da URSS. Instituto de História.
4. — Kliutchevski (V. O.), *Kurs Ruskoj Istorii* (Curso da História Russa). Moscou, 1905.
5. — Soloviov (S. M.), *Istoria Rossii* (História da Rússia), São Petersburgo, 1894. Edição 1960, Moscou.
6. — *Ruskie Moreplavatel* (Os Navegadores Russos). Moscou, 1953. Ministério da Defesa da URSS.
7. — Zabelin (I. E.), *Istoria Goroda Moskv* (A História da Cidade de Moscou). Moscou, 1905.
8. — Tihomirov (M. N.), *Drevnaia Moskva* (Moscou Antiga). Moscou, 1947.
9. — Simões de Paula (Eurípedes), *O Comércio Varegue e o Grão-Principado de Kiev*. São Paulo. Boletim nº XXVI da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. 1942. 144 pp.
10. — Grekov (V.) e Iakubovski (A.), *La Horde D'Or*. Paris. 1939. Payot.
11. — Grekov (B. D.) e Andrianova-Peretz (V. P.), *Hojenie Ajanasia Nikitina za tri moria* (Viagem de Atanásio Nikitin através de três mares), 1466-1472. Moscou, 1948.
12. — Tisenhausen (V. G.), *Sbornik materialov otnosiachtihsia k istorii Zolotoi Ordi* (Coleção de dados relacionados à História da Horda de Ouro). Vol. I. São Petersburgo, 1884.
13. — *Izvestia GAIMK* (Comunicações da Academia Estadual da História da Cultura Material), Vol. 4, 1925, págs. 62-72. Miller (V. V.), *Ob armianskih nadpisiah v Bolgarah i Kazani* (As Inscrições Armênias em Bulgar e Kazan).
14. — *Voprosi Istorii* (Questões de História). Moscou, 1951, nº 5, págs. 67-71. Riabinovitch (M. G.), *Archeologicheskie issledovania Moskovso posada* (Pesquisas Arqueológicas do "posad" de Moscou).
15. — PSRL — *Polnoe Sobranie Russkikh Letopisei* (Coleção completa de Crônicas Russas). São Petersburgo, 1841, 1904.
16. — NPL — *Novgorodskaia Pervaia Letopis* (A Primeira Crônica de Novgorod). Moscou, 1950.
17. — SGGD — *Sobranie Gosudarstvennih Gramot i Dogovorov* (Coleção de Documentos e Acordos Governamentais). Moscou, 1813.
18. — DDG — *Duhovnie e Dogovornie Gramoti Velikih i Udelnih Kniazei* (Testamentos e Acordos dos Grão-Príncipes e Príncipes subalternos). Moscou-Leningrado, 1950.

19. — AI — *Akti Istoritcheskie* (Atas Históricas). São Petersburgo, 1841.
20. — GVNep — *Gramoti Velikovo Novgoroda e Pskova* (Documentos de Novgorod-a-Grande e Pskov). Moscou-Leningrado, 1949.
21. — *A vida de São Estevão de Perm*. São Petersburgo, 1897.



INTERVENÇÕES.

Do Prof. *Luís César de Aguiar Bittencourt* (Universidade Federal Fluminense).

Disse que o Autor afirmou em sua exposição oral que Novgorod, se não integrava, pelo menos ficava sob a influência da Liga Hanseática, pede ao mesmo que esclareça porque escreveu no resumo distribuído a seguinte expressão: "...Novgorod que para fazer frente aos mercados da Hansa...".



Do Prof. *Christovam Wachowicz* (FFCL da UFP).

Disse que o Autor, ao que parecia, condicionava a hegemonia de Moscou entre os es'avos após a presença dos mongóis na região à posição geográfica, inclusive exibindo um mapa evidenciando a localização de Moscou. Este pensamento demonstra a tendência do Autor ao determinismo geográfico. Pergunta, pois:

Se o fator geográfico foi decisivo para a hegemonia de Moscou após o domínio da Horda de Ouro, por que esta hegemonia não ocorreu antes da presença dos mongóis, quando a liderança daquelas populações eslavas esteve nas mãos de Kiev e Novgorod?



Da Profa. *Aydil de Carvalho Preiss* (Universidade Federal Fluminense).

Indaga se na época da Horda de Ouro surgiram os grandes mosteiros russos com enormes propriedades de terra. Qual a sua posição, do ponto de vista econômico, em relação ao comércio moscovita?



Do Prof. *Ricardo Mário Gonçalves* (FFCL da USP).

Disse desejar saber se o Prof. Niko tem notícia de algum relato de viagem de russos ao Turquestão na Idade Média.

*

Da Profa. *Oksana Boruszenko* (FFCL da UFP).

Pergunta se houve alguma influência do Principado de Kiev no comércio de Moscou no século XII.

* *
*

RESPOSTAS DO PROF. NIKO ZUZEK.

Ao Prof. *Luís César de Aguiar Bittencourt*.

A frase citada do resumo da comunicação é, de fato, um tanto ambígua. A expressão “fazer frente” pode significar tanto a concorrência comercial quanto o esforço de corresponder às vultosas demandas da contra-oferta feitas pela Hansa. No caso, evidentemente, trata-se da segunda interpretação.

*

Ao Prof. *Christovan Wachowicz*.

Além dos mapas apresentados, talvez também a brevidade da exposição oral deu margem ao colega de considerá-lo adepto do determinismo geográfico. Seja, porém, esclarecido que:

a). — o assunto da comunicação é bem delimitado, pelas vias fluviais de Moscou Medieval, deixando de lado até as vias terrestres; evidentemente, o elemento geográfico, ou melhor, hidrográfico, é salientado na comunicação como um dos principais, mas não o exclusivo, que levaram Moscou à sua ascendência.

b). — o fator geográfico foi, não raro, determinante na história russa; como exemplo pode-se citar a derrota dos mongóis às portas de Novgorod (1238), sofrida por causa do degêlo dos rios russos que cravou os cavalos tártaros na lama.

c). — como consta do resumo (pág. 1) a comunicação fala da dupla realidade: “a influência dos rios sobre a ascendência de Moscou e a expansão moscovita ao longo da sua rede fluvial”. Trata-se então da influência mútua; se os rios influenciam o crescimento de Moscou, ela por seu lado aproveita da sua situação privilegiada, inteligente e conscientemente, a seu favor e contra os outros principados. O mapa n.º 2, com as datas do englobamento progressivo a Moscou dos principados nordestinos, indica claramente a atitude

ativa da política moscovita, e o capítulo “Moscou em luta pelas vias fluviais” fala explicitamente dêsse aspecto.

Num outro capítulo, “Invasão Tártara — promoção de Moscou” — responde mais pormenorizadamente à última pergunta, por que Moscou não assumiu a liderança das terras russas já antes da invasão mongólica, se o fator geográfico foi o decisivo? Em primeiro lugar, o fator geográfico foi um dos principais. Mas êle não podia exercer sua influência sôbre uma região semi-deserta, como era o Nordeste russo, ainda pouco antes da invasão mongólica. As populações russas começaram a imigrar para essa região sômente com o começo do declínio da rota comercial Novgorod-Kiev-Constantinopla, por causa das incursões dos polovtzes e definitivamente por causa da invasão tártara. Os vales dos rios Oka e Moscou apresentam nesta época um grande acréscimo da população. O desvio do comércio da antiga rota Novgorod-Kiev para os rios Volga e Don tornou Moscou uma passagem obrigatória para as mercadorias, donde o seu crescimento, e depois, o seu domínio político, comercial e cultural.

Longe de basear-se no determinismo geográfico, a comunicação, para evitar generalidades, sublinha, entre os fatores demográfico, político, econômico, cultural, a importância de um fator geográfico: o hidrográfico.

*

À Profa. *Aydil de Carvalho Preiss*.

Sem entrar em pormenores pode-se sintetizar a contribuição econômica dos grandes mosteiros russos da época, da seguinte maneira:

— Êles são os postos avançados dos desbravadores das florestas e pântanos do Nordeste Russo (veja-se o exemplo do mosteiro de Archanguelsk).

— Êles são o centro de produção agrícola coletiva, envolvendo em sua atividade vastos territórios e grande número de camponeses, introduzindo novos métodos na lavoura e dando um exemplo de administração eficaz. Como ilustração podem servir os mosteiros de Zagorsk e de Beloe Ozero.

— Êles estão incluídos entre as maiores entidades de transporte, possuindo frotas de embarcações próprias e gozando de grandes regalias no que se refere aos impostos. Ver sôbre isso: Debolski (N. N.), *Excertos das Atas e Cartas do Mosteiro de Beloe-Ozero*. São Petersburgo, 1900. N.º CXCIV, pág. 74.

*

Ao Prof. *Ricardo Mário Gonçalves*.

As crônicas russas mencionam várias viagens dos príncipes russos a Karakorum, contudo, sem relatos pormenorizados. A mais notória é a viagem do Grão-Príncipe Iaroslav Vsevolovtch em 1246 para assistir à posse do nôvo Khan. Na sua *História Mongolorum*, Plano Carpini relata o seu encôntro com Iaroslav, o tratamento que lhes é dado pelos mongóis (*Nobis autem et duci Ieroslao semper dabant locum superiorem*), a morte do príncipe russo por suposto envenenamento pela mulher do Grão-Khan. Ver sôbre isso também: Nanosov (A. N.), *Mongóis e Rússia*. Moscou-Leningrad, 1940, págs. 27 e seguintes.

*

À Profa. *Oksana Boruszenko*.

A primeira notícia sôbre Moscou remonta à segunda metade do século XII. Tratando-se de uma pequena aldeia, não se pode nem sequer pensar em relacioná-la à gloriosa Kiev. Pode-se, porém, supor que a transmigração dos russos meridionais para o Norte, forçosamente atingia também a insignificante Moscou.